

Semiótica sincrética: breve análise da biografia em quadrinhos de Machado de Assis produzida por alunos do ensino fundamental

Marion Rodrigues Dariz¹

Universidade Católica de Pelotas

Tanier Botelho dos Santos²

Universidade Católica de Pelotas

Fabiane Villela Marroni³

Universidade Católica de Pelotas

Resumo: Inúmeros textos que norteiam a Educação Básica têm defendido o trabalho com diferentes gêneros textuais. Cobrados em avaliações nacionais de larga escala constituem-se diferentes sistemas semióticos visuais e verbo-visuais e surgem como propostas progressistas com o objetivo de auxiliar os alunos a desenvolverem habilidades e competências para a prática leitora. Pensando na razão pela qual nosso aluno não se sente afetado pelo ato de leitura e produção textual oferecido pela escola é que desenvolvemos com estudantes da 8ª série

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras – UCPEL – Universidade Católica de Pelotas. E-mail: mariondariz@gmail.com

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras – UCPEL – Universidade Católica de Pelotas. E-mail: profetanier@gmail.com

³ Doutora em Comunicação e Semiótica – PUCSP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras – UCPEL – Universidade Católica de Pelotas. E-mail: fabianemarroni@gmail.com

do Ensino Fundamental (atual 9º ano), de uma escola pública municipal de Pelotas, um trabalho de tradução do texto biográfico em prosa para a história em quadrinhos (HQ), a fim de observar os efeitos de sentido gerados a partir de tal elaboração. Com objeto de estudo em mãos – duas dessas “traduções intersemióticas” – nosso objetivo neste artigo é fazer uma análise com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Semiótica Discursiva de A. J. Greimas e seus colaboradores (BARROS, 2011; FIORIN, 2013; FLOCH, 1985; OLIVEIRA, 2009; TEIXEIRA, 2010), por ser uma metodologia que se encarrega de analisar o sentido do texto e, também, por ser uma teoria que procura investigar diferentes linguagens e conhecer a maneira pela qual o sentido do texto é construído.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos; Semiótica sincrética; Traduções intersemióticas; Mídias digitais.

Title: Syncretic semiotics: brief analysis of the comic book biography of Machado de Assis produced by elementary school students

Abstract: Numerous texts that guide basic education have defended the work with different textual genres. Collected in national scale ratings are different visual semiotic systems and verb and appear as progressive proposals to help students develop skills and competencies for the reader practice. Thinking about the reason why our student does not feel affected by the act of reading and textual production offered by the school is that we develop with students of the 8th grade of elementary School (current 9th year), of a municipal public school of Pelotas, a work of translation of the biographical text in prose to the comic book (CB), in order to observe the effects of meaning generated from such elaboration. With object of study in hand – two of these “intersemiotics translations” – our objective in this paper is to make an analysis based on the theoretical-methodological assumptions of the discursive semiotics of A. J. Greimas and its collaborators (BARROS, 2011; FIORIN, 2013; FLOCH, 1985; OLIVEIRA, 2009; TEIXEIRA, 2010), because it is a methodology that takes care to analyze the meaning of the text and, also, because it is a theory that seeks to investigate different languages and know the way in which the meaning of the text is constructed.

Keywords: Comic books; Syncretic semiotics; Intersemiotics translations; Digital media.

Introdução

Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro,
um governo, ou uma revolução.

Machado de Assis

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e os textos ulteriores norteadores da Educação Básica têm defendido o trabalho com diferentes textos, sejam crônicas, romances, poesias, músicas, receitas, bulas, biografias..., e tem-se visto que isso vem sendo cobrado em avaliações nacionais de larga escala, como o *Exame Nacional do Ensino Médio* (ENEM), *Sistema de Avaliação da Educação Básica* (SAEB) e *Prova Brasil*. Neles, surgem propostas progressistas, abordando diferentes sistemas semióticos a partir de textos visuais e verbo-visuais, e isso pode ser comprovado nessas avaliações em que é crescente o número de questões com base em charges, histórias em quadrinhos, tirinhas, propagandas etc.

Acreditamos que o trabalho com essa variedade de gêneros textuais tem como objetivo auxiliar os alunos a desenvolverem as habilidades e competências em leitura e contribui para que esses educandos se envolvam com temáticas variadas e, esses textos, por trabalharem com diferentes linguagens, vão ao encontro dessa proposta e contribuem para despertar o interesse desse aluno para a prática leitora.

Então, a partir de inquietações, ao ouvirmos o discurso sobre falta de vontade e de domínio dos alunos concernente à prática de leitura impressa e de escrita oferecida na sala de aula, alguns questionamentos começaram a surgir, dentre eles “por que nosso aluno não se sente afetado pelo ato de leitura e produção textual oferecido pela escola?”.

Considerando a avalanche de novas estratégias proporcionadas pela tecnologia bem como o fato de nossa sala de aula ainda hoje se constituir em um espaço de pouca interlocução, na qual o professor detém o conhecimento e ao aluno o transmite, é que surge a proposta de leitura e

produção de quadrinhos. Vemos, pois, na tecnologia, uma forte aliada no processo de ensino-aprendizagem, visto que vivemos cercados de objetos que articulam diferentes linguagens que atraem, que mobilizam a atenção do estudante; é, portanto, nosso papel aproveitarmos esse momento, pois a “tecnologia digital tem começado a competir com a imprensa e conquistado os criadores. De acordo com Marroni (2013, p.343), ao considerarmos,

... como referência, os vários meios de expressão que surgem em razão das novas tecnologias, vê-se que, dia após dia, somos bombardeados por diferentes tipos de manifestações sincréticas. Ao utilizarem-se das linguagens verbal, visual e sonora, essas manifestações articulam diferentes tipos de linguagens, possibilitando uma estrutura complexa de significação. Isto não quer dizer que os textos que articulam um único tipo de linguagem sejam menos complexos. Todo texto, cada um com sua especificidade, é portador de uma significação e todos têm algo a dizer, expressando ideias que lhe são peculiares. O uso de diferentes tipos de linguagens é um artifício a mais, que tem, dentre outras funções, um alto grau de persuasão para o destinatário do texto.

Com o advento dos computadores pessoais e a crescente cultura da internet, a leitura expandiu seus horizontes” (EISNER 2008, p.165), e a produção de histórias em quadrinhos é uma dessas atraentes tecnologias, pois alia “dois importantes dispositivos de comunicação, palavras e imagens” (EISNER, 2008, p.12).

Outra reflexão também importante é que os alunos - ou as pessoas, de forma geral, podem até ler muito, mas fica o questionamento: será que elas se apropriam, de fato, do que está escrito? Eu posso ler muito e absorver nada. Aí está um dos desafios do professor: ensinar, também, como ler (FIORIN, 2013, p.9-11). Não adianta decodificar. A leitura constitui-se uma ferramenta de sobrevivência no mundo atual, visto que está associada ao uso da tecnologia e, se não ocorrer compreensão, a atividade de leitura será falha (SOUSA e HÜBNER, 2016).

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise de duas “traduções intersemióticas”⁴ produzidas por um grupo de alunos da 8ª série do Ensino Fundamental (atual 9º ano) de uma escola pública municipal da cidade de Pelotas a partir da leitura de textos biográficos em prosa do autor realista Machado de Assis para História em Quadrinhos (HQ). Trata-se de mostrar como se deu a tradução do texto em prosa para a história em quadrinhos, ver como essa história foi elaborada e quais os efeitos de sentido que tal elaboração proporcionou.

A base teórica deste trabalho se insere nos pressupostos teórico-metodológicos da Semiótica Discursiva de A. J. Greimas e seus colaboradores, por ser ela uma metodologia que se encarrega de analisar o sentido do texto, ou seja, o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz (BARROS, 2011, p.11) e, também, por ser uma teoria que se encarrega de investigar diferentes linguagens e que procura conhecer a maneira pela qual o sentido do texto é construído.

Definindo-se como teoria geral do texto e da significação, a semiótica ocupa-se da produção de sentido de um texto, considerando a articulação entre o plano de conteúdo e o plano de expressão da linguagem, bem como categorias gerais de análise capazes de contemplar a totalidade dos textos, manifestados em qualquer materialidade, bem como definir as estratégias enunciativas particulares utilizadas nos textos concretos (TEIXEIRA, 2010, p.79).

Vivemos em uma cultura na qual é valorizada a linguagem escrita, por isso ainda presenciamos momentos em que educadores veem os quadrinhos como uma leitura inferior. Segundo Vergueiro (2009), alguns bibliotecários compartilhavam da ideia de que a leitura de HQ contribuía para “preguiça mental” dos alunos e afastava estes educandos da denominada “boa leitura”. Essa ideia era compartilhada também por professores, que pensavam não ser esse gênero textual apropriado.

⁴ Utilizamos este termo por ser uma interpretação de signos verbais por meio de signos de sistemas não-verbais. Ela pressupõe recriação ou interpretação criativa, muito coerente com a concepção de *graphic novel* e não carrega os preconceitos que a palavra “adaptação” traz. (BASSNETT, 2003).

Felizmente, esse quadro vem-se modificando consideravelmente, e temos acompanhado um crescimento de traduções intersemióticas de obras literárias para quadrinhos sendo utilizadas nas escolas. Os quadrinhos têm-se constituído um recurso pedagógico alternativo em sala de aula; o universo das HQ tem sido utilizado em várias disciplinas além do Português, como História, Geografia, Artes...

Consoante as novas estratégias de ensino e de aprendizagem, a atividade de que tratamos neste artigo foi proposta a partir de práticas de sala de aula que envolvem a leitura e a produção de gêneros distintos utilizando para tal as tecnologias digitais e tendo como objetivo incentivar nossos alunos à leitura de autores da literatura brasileira, de forma diferente, pois faz uso da linguagem verbo-visual, uma vez que temos visto como verdade o fato de que a linguagem em prosa pode se transformar, no viés do educando, em uma prática que contribui, por vezes, para uma não conjugação à leitura de textos literários (e de seus autores). Se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas (ROJO, 2013, p.8).

Ao ser solicitada a produção da História em Quadrinho, dentre as exigências ao grupo de alunos, estavam: a HQ deveria ter no mínimo 12 quadros, e os estudantes deveriam fazer uso da tecnologia que tinham a seu dispor e produzi-la, utilizando-se de um software apropriado para isso. Assim, para tanto, lhes foram apresentados o Pixton, o HagáQuê, o ToonDoo..., todos eles aplicativos gratuitos para atividades escolares.

Percebemos, assim, que, com o avanço tecnológico, o modo de leitura tem também sofrido mudanças. A todo momento nossos alunos estão cercados de textos verbais, visuais e, principalmente, sincréticos⁵. Não podemos, então, ver a leitura “como uma pedra no meio caminho das

⁵ Os textos sincréticos, para a Semiótica Discursiva, são entendidos como os que articulam diferentes linguagens.

aulas de Língua Portuguesa” nem a ter “reduzida a momentos de exercícios e [que] não desperta o prazer nos alunos” (ANTUNES, 2003)⁶.

Diante disso, Rojo e Moura (2012) defendem a pedagogia do multiletramento⁷, “em que os alunos se transformem em criadores de sentidos” (p.29). O uso da linguagem visual pode ser um caminho a ser explorado. Apesar de muitas vezes se fazer uma separação entre as palavras e as imagens, nas histórias em quadrinhos, imagem e palavra se juntam para compor um gênero mesclado. Marcuschi (2011) destaca que a hibridização dos gêneros não deve trazer prejuízos para a compreensão e interpretação do gênero, pois os gêneros são influenciados pela dinamicidade da língua.

A construção de sentido de um texto sincrético é articulada por meio da relação entre o plano de conteúdo e o plano de expressão. É no encadeamento da forma da expressão e do conteúdo que a semiótica atua. Assim, é no plano do conteúdo e, principalmente, no plano da expressão que vamos trabalhar neste artigo. A sensibilidade vai operar no plano da expressão que compreende os formantes plásticos que, por sua vez, são divididos em categorias como; *topológica* (representa o lugar, o espaço, com relações de dimensão, orientação e posição), *eidética* (representa as formas geométricas), *cromática* (representa as cores, tonalidades, contrastes e luminosidades) e *matérica*, trabalhadas por Greimas e pesquisadores da Semiótica Discursiva. O estudo das quatro categorias dos formantes plásticos proporciona a análise profunda do plano da expressão.

⁶ ANTUNES, I. *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. (contracapa)

⁷ Na perspectiva dos multiletramentos, o ato de ler envolve articular diferentes modalidades de linguagem além da escrita, como a imagem (estática e em movimento), a fala e a música. Nesse sentido, refletindo as mudanças sociais e tecnológicas atuais, ampliam-se e diversificam-se não só as maneiras de disponibilizar e compartilhar informações e conhecimentos, mas também de lê-los e produzi-los. O desenvolvimento de linguagens híbridas envolve, dessa forma, desafios para os leitores e para os agentes que trabalham com a língua escrita, entre eles, a escola e os professores. *Entrevista, gravada com a professora Roxane Rojo, em maio de 2013, no Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), em São Paulo (SP)*.

Para análise do plano de conteúdo, a semiótica propõe um modelo de produção do sentido: o percurso gerativo de sentido em seus três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo. Cada um desses níveis com uma sintaxe e uma semântica próprias.

Como o nome já define, o percurso gerativo é uma trilha, um caminho percorrido levando-o ao sentido a que o enunciador propôs ao redigir, filmar, pintar ou compor seu objeto de exposição literária. A “verdade” é construída no e pelo discurso. Para o enunciatário se “apropriar desta verdade”, deve seguir as pistas lançadas pelo enunciador, estudadas a partir do percurso gerativo. Barros (2000) coloca que:

(...) o enunciador determina como o enunciatário deve interpretar o discurso, deve ler ‘a verdade’. O enunciador constrói no discurso todo um dispositivo veridictório, espalha marcas que devem ser encontradas e interpretadas pelo enunciatário (BARROS, 2000, p.63).

Para o nosso estudo, levaremos em conta o último nível de análise do percurso gerativo de sentido, principalmente os procedimentos de tematização e figurativização. Fiorin (2013) afirma que há dois tipos de texto que revestem os esquemas narrativos quando levamos em conta o grau de concretude: os figurativos e os temáticos. Fixando uma relação entre temas e figuras há um processo de simbolização. Assim como acontece nas duas biografias em quadrinhos selecionadas neste trabalho, ao tomarmos diferentes textos, percebemos que eles tratam do mesmo tema, entretanto cada um deles o concretiza de forma diferente; cada texto é figurativizado de forma distinta, ou seja, os percursos figurativos que explicitam e revestem esse tema genérico são diferentes (FIORIN, 2013, p.88-107).

Então, tematização e figurativização nos remetem a temas e figuras: aqueles são os conteúdos semânticos tratados de forma abstrata, enquanto estas, o investimento semântico-sensorial dos temas. Os temas e as figuras são determinados sócio-historicamente e trazem para os discursos os valores: o modo de ver e de pensar o mundo de classes,

grupos e camadas sociais, assegurando assim o caráter ideológico desses discursos (FIORIN, 1988, p.1-19).

Breve histórico do gênero textual *História em Quadrinhos*

Pensando no sentido mais amplo das histórias em quadrinhos (HQ), que é o de narrar por meio de sequências de desenhos, podemos perceber que a origem desse conceito é bem antiga. Essas histórias originam-se na antiguidade, com as pinturas rupestres, na pré-história, por indivíduos que contavam a história dos seus povos através apenas dos desenhos (PIZARRO e JUNIOR, 2009).

Esse gênero organiza-se pela narração de fatos com diálogos naturais, em que os personagens se comunicam por meio de gestos, expressões faciais e palavras, auxiliados por elementos linguísticos como, onomatopeias, sinais de pontuação e legendas, assim como subsídios paralinguísticos, como tom da voz, pausas e gestos do conteúdo verbalizado (MELO, 2010).

Entre os precursores das HQ, estão alguns artistas, como o suíço Rudolph Töpffer, o francês Georges Colomb e o italiano Angelo Agostini, que já tinham pensado em unir texto e imagem. A HQ surge efetivamente como gênero em 1897, com a publicação da primeira tirinha que convencionou a linguagem das HQ tal qual conhecemos hoje. Foi criada por Richard Outcault, nos jornais de Nova York com o Yellow Kid (Menino Amarelo), a primeira história em quadrinhos a fazer sucesso nos Estados Unidos.

Importante destacar que Agostini (séc. XIX), cartunista italiano radicado no Brasil, foi o precursor na criação de histórias de características quadrinizantes em nosso país. Autor de desenhos de teor cômico, mas ainda assim de cunho crítico, utilizava-se em suas histórias dos cortes gráficos que viriam a ser um dos elementos determinantes na futura criação das histórias em quadrinhos (CRUZ, 2008).

Em 1869, surgia, então, “As Aventuras de Nhô Quim”, primeira história em quadrinhos brasileira, publicada pela revista *Vida Fluminense*, do Rio de Janeiro, por Agostini, cuja história contava, em episódios, as desventuras de um homem simples do interior do Brasil. O primeiro capítulo possuía 20 imagens em páginas duplas e chamava-se “De Minas ao Rio de Janeiro”. Essas aventuras foram contadas durante algum tempo por Agostini e pelo cartunista Cândido Aragonês de Faria, dando espaço, posteriormente, para uma nova aventura: “As Aventuras de Zé Caipora”, publicada na *Revista Illustrada* em 1883, a segunda série iniciada por Agostini.

Muitos outros quadrinhos foram publicados, no Brasil, por vários autores, mas, em nosso país, essas histórias só começaram a ganhar destaque a partir de 1905, com a tradução de *Tico-Tico* de Buster Brown, para a língua portuguesa, sendo lançada pelo jornalista Luis Bartolomeu de Souza e Silva. Inicialmente, pôde-se observar que as editoras brasileiras enfocavam nos quadrinhos europeus e norte-americanos, não abrindo oportunidade para que desenhistas brasileiros pudessem ganhar espaço.

Assim, apenas na década de 1960, é que surge, no Brasil, a primeira revista em quadrinhos caracteristicamente brasileira, com um cenário regional narrando a *lenda do Saci Pererê*, tendo em Zivaldo o autor que abriu as portas para que, nas décadas seguintes, surgissem outros modelos, como por exemplo, em 1970, o lançamento da revista *Turma da Mônica*, que seguiu conquistando gerações através do seu articulista Maurício de Souza (TUSSI e MARTINS, 2009; LUYTEN, 2011).

De lá para cá, a produção de HQ continuou e, atualmente, têm-se destacado como produtores do gênero, para um público infantil, no Brasil, Maurício de Sousa com a *Turma da Mônica* e Zivaldo com a *Turma do Pererê* e o *Menino Maluquinho*. “Em muito pouco tempo as revistas em quadrinhos converteram-se em uma das mais importantes ramificações dos meios de comunicação impressos” (MANCINI e ALT, 2014, p.93-94).

Importante se tornam as ressalvas de Pietroforte (2009) em sua obra “Análise textual da história em quadrinhos: uma abordagem semiótica da obra de Luiz Gê” quando o autor ressalta ser difícil

determinarmos marcos para as invenções e que, embora tenhamos esses marcos que determinam inventor(es) da história em quadrinhos, tem-se conhecimento que uma das primeiras personagens de HQ, o *Doutor Syntax* foi idealizada pelo pintor do barroco inglês do século XVIII, William Hogarth (1697-1764), e que, também, na Inglaterra, Charles Henry Ross desenhava quadrinhos no semanário *Judy* (1867) antes dos jornais norte-americanos.

Descrição e breve análise semiótica das biografias em quadrinhos de Machado de Assis produzidas pelos educandos

A análise a seguir refere-se ao conteúdo de alguns balões e quadrinhos de dois textos do gênero HQ, produzidos por grupos diferentes de alunos concernentes à biografia de Machado de Assis, o que constituirá o *corpus* deste estudo. Os quadrinhos foram selecionados tendo em vista as peculiaridades do que é proposto pela Semiótica de Greimas, na qual se analisam, na visualidade, a topologia, cores, formas e de como esses elementos estão associados ao plano do conteúdo.



Figura 1: História em Quadrinhos produzida pelos alunos

Disponível em <https://www.pixton.com/br/storyboard/6f9n5jwu>. Acesso em: jul. 2017

Semiótica sincrética: breve análise da biografia em quadrinhos de Machado de Assis...

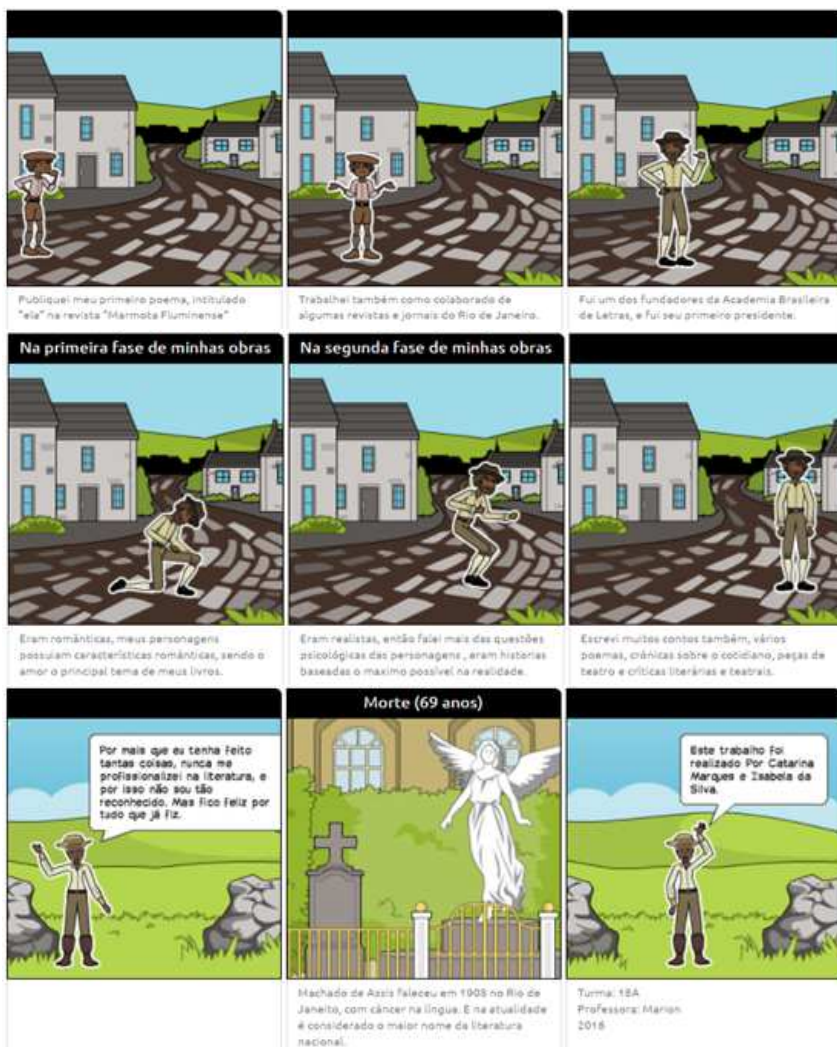


Figura 1: História em Quadrinhos produzida pelos alunos [continuação]

Disponível em <https://www.pixton.com/br/storyboard/6f9n5jwu>. Acesso em: jul. 2017

Na 1ª História em Quadrinho, formada por 12 quadrinhos (quadrinho será representado pela letra Q, seguida do número), vemos, no Q1, o próprio personagem Machado de Assis adulto narrando sua vida, fazendo assim sua autobiografia. No 2º quadrinho (Q2), a figura do Machado menino/jovem está em primeiro plano, em um cemitério, tendo, ao fundo e em segundo plano, um anjo e um túmulo com uma cruz. Essas figuras retornam no Q11 em que é informada a morte do narrador-personagem. Nesse Q2, há um enquadramento em close, ou seja, de aproximação do rosto de Machado de Assis. Neste momento, é importante o close no rosto, nos olhos encobertos pela mão de Machado menino, pois o pequeno está relatando o que lhe teria acontecido, expressando a tristeza ou pela morte da mãe ou pelo preconceito sofrido.

O cenário parece ser uma cidade do interior, apesar de não haver qualquer indicação verbal referente a isso. Nesse cenário, aparecem dois espaços, além do cemitério: uma rua ladrilhada, com curvas, com algumas casas e uma área verde.

Importante ressaltar que balões com indicações de falas dos personagens somente aparecem no Q1, no Q10 e no Q12. Em todos os demais quadrinhos há somente a indicação do personagem-narrador e a imagem do Machado ou jovem/menino ou adulto, apresentando o enunciado ao enunciatário (leitor), para entrar em conjunção com o objeto de valor: conhecer um pouco de Machado de Assis.

Houve uma preocupação dos alunos com a cor marrom da pele do personagem já que ele era mulato. No Q1, ele aparece já adulto introduzindo os dados de sua biografia. A partir do Q2, ele começa a delinear sua narrativa⁸ autobiográfica; aparece menino, já apontando o preconceito que sofreu por ser negro.

Elementos apontam as relações semissimbólicas, característica do texto sincrético. Segundo Floch (1985), “o semissimbolismo se apresenta

⁸ O termo “narrativa” em Semiótica é utilizado para designar um discurso narrativo de caráter figurativo, contendo personagens que realizam ações. Cada narrativa, dessa maneira, corresponde a um texto concreto com suas particularidades, mas também com suas invariantes (Greimas e Courtés, 2016, p.327)

de forma particular nos textos sincréticos, integrando as diversas linguagens em categorias gerais homologáveis a categorias abstratas do conteúdo”. Assim, no exemplo apresentado, o processo de tradução intersemiótica da prosa para HQ foi ressignificado, sendo utilizada uma outra linguagem que “ganha visualidade e se transforma em outros signos” (PINA, 2012, p.61).

Os quadrinhos Q2 e Q11 ilustram a temática da morte apresentando aspectos essenciais para a compreensão do sentido do texto. Ambos os quadros, com as mesmas figuras, apresentam o tema: a morte da mãe e do protagonista. Há elementos figurativos (a cruz e o anjo) que ajudam o leitor a reconhecer o ambiente, no caso o cemitério.

O efeito de sentido de dor e tristeza é reiterado na cromaticidade das imagens, pelas cores frias, já que trata de um momento de introspecção e recolhimento. As vestes brancas do anjo (feminino) em segundo plano contrapõem-se à silhueta negra do personagem em primeiro plano, associando a oposição de claro vs escuro, no plano da expressão ao profano vs sagrado, no plano de conteúdo.

Percebe-se uma luminosidade, figurativizada pelo céu azul, o verde ao fundo, pelas casas bem pintadas, com janelas azuis, características que sugerem uma cidade pequena, com ar puro, com ausência de poluição. Essa luminosidade apresentada na cena remete ao período do dia. A organização cromática pode, então, ser explicada pelo contraste entre cores frias e quentes, que por sua vez se opõem às cores neutras (o branco e o preto). Segundo Ostrower (1987, p.235), “o valor cromático de cada cor dependerá [...] do *contexto* colorístico” [...], “uma vez que a expressividade da cor dependerá das funções que desempenhe”.

No Q7, quando o narrador-personagem fala de sua primeira fase na literatura, a fase romântica, vemos o personagem, em posição ajoelhada, como forma de “conquista amorosa”, com o rosto ruborizado, concretizando a temática do amor por meio desse mecanismo. Como bem assevera Ostrower (1987, p.236), “[tal] cor vai se caracterizar pela carga de sensualidade que lhe é inerente”.



Figura 2: História em Quadrinhos produzida pelos alunos

Disponível em: <https://www.pixton.com/br/storyboard/k1pvded0>. Acesso em: jul. 2017

Semiótica sincrética: breve análise da biografia em quadrinhos de Machado de Assis...



Figura 2: História em Quadrinhos produzida pelos alunos [continuação]

Disponível em: <https://www.pixton.com/br/storyboard/k1pvded0>. Acesso em: jul. 2017

Analisando a segunda HQ, temos uma história em formato horizontal. Formada por 21 quadrinhos, já excluído o quadro (Q1) de apresentação do grupo no início. Nessa HQ, diferentemente da primeira analisada, os alunos ampliam a biografia de Machado de Assis. Trataram de apresentar realmente um pouco da vida e obra do escritor. Eles começam mostrando o nascimento do autor no Q2 e Q3. Confirmam, evidenciando os ruídos onomatopaicos para dar destaque ao momento do parto da mãe de Machado de Assis, o que confere dramaticidade à expressão facial dela. Como assevera Discini (2012, p.233), o tamanho das letras em caixa-alta para as onomatopeias enfatiza a força, [seja de dor, seja de alívio].

Notamos que a HQ, por meio de imagens sequenciais, nos possibilita uma forma ímpar de contar uma história. Sobre essas imagens sequenciais, Eisner (1999) as vê como sinônimo de histórias em quadrinhos. Para o referido autor, é “[...] uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia.” (EISNER, 1999, p.5). McCloud, teórico dos quadrinhos, afirma que Will Eisner usa esse termo para descrever essas HQ. Afirma que “tomadas individuais, as figuras (...) não passam disso... figuras. No entanto, quando são partes de uma sequência, mesmo de uma sequência só de duas, a arte da imagem é transformada em algo mais: a arte das histórias em quadrinhos!” (McCLOUD, 1995, p.5). Existe uma relação dinâmica entre imagem e texto, fazendo com que haja um ritmo na história, dado pela relação entre as diferentes imagens, de maneira a sugerir um movimento.

Nesses dois quadros, observa-se, também, o uso das onomatopeias representando o som em vários momentos. O uso de balões, letras em maiúsculo e minúsculo de tamanhos diferentes para indicar o volume da voz e as expressões faciais na história como um todo mostrando em cada momento os sentimentos das personagens.

No plano da expressão, temos ainda os formantes figurativos⁹ os quais se referem às figuras do mundo natural em um objeto visual e, ao se reconhecer as figuras, procuram-se os “sentidos”, os conceitos que carregam, os temas subjacentes (FLOCH, 1985) que, nada mais são do que a versão “visual” de algo que existe na realidade, tais como o jovem, em um lugar lúgubre, mal iluminado, meio escuro, permitindo que temas de desânimo, dor, tristeza, solidão sejam extraídos. Essa representação tem o intuito de se equiparar com o real, de gerar credibilidade. “O desejo de fazer-parecido – de fazer-criar – manifestado por este ou aquele pintor, por esta ou aquela escola, por esta ou aquela época leva, mediante a associação e sobrecarga de traços visuais, à iconização do [desenho]” (GREIMAS, 1984, p.27).

No Q4 e Q5, os autores da HQ abordam o tema morte (da irmã e da mãe) e a figurativizam com terra revirada no chão, concretizando um túmulo, fato comum naquela época, cruz de madeira, indicando o sepultamento de um corpo. Vemos, nesses quatro quadrinhos, uma oposição semântica de valores como vida vs morte, alegria vs tristeza. A gestualidade dos personagens diz muito. A direção do olhar, a posição das mãos mostram o cuidado seja no nascimento ou na morte.

As roupas são outra forma de concretude da temática “morte”, os paletós pretos, o céu negro, a chuva concretizada por pingos grossos em diagonais inclinados para a esquerda e a lua cheia em oposição à escuridão do céu. Essa escuridão parece indicar que o sepultamento se deu à noite, visto que o escuro sugere a noite e a morte representa respeito.

No Q6, novamente temos uma cena alegre, o pai de Machado de Assis casa-se mais uma vez. Isso é figurativizado pelo arco de flores posicionado ao centro do quadro, o noivo com terno e gravata e a noiva elegantemente vestida. Apesar de ser um casamento, não há referência a uma noiva vestida de branco. O espaço também está delimitado pela

⁹ Assim como A. J. Greimas e J. Courtés, entendemos por “formante” uma parte da cadeia da expressão correspondente a uma unidade do plano do conteúdo. Trata-se de um formante “figurativo”, isto é, de um formante constituído por um dispositivo da expressão que “a grade de leitura do mundo natural” articula a um significado, e que é, assim, transformado em signo-objeto (FLOCH, 1985, p.46).

dimensão cromática. O grande arco de flores amarelas com um detalhe colorido. Vemos que a cena principal, o casamento no altar, encontra-se englobado. No entorno estão dispostos os supostos convidados, testemunhas dessa alegria, “figuras que parecem assistir, contemplativamente, à cena que se apresenta no centro da composição” (MARRONI, 2018, p.36)

Já, no Q7, surge a dor e a tristeza em oposição à felicidade do quadro anterior, a morte novamente assola a vida do escritor. Agora, além da terra revirada, da cruz de madeira, indicando o cemitério e o enterro, temos a figura da madrasta de preto, ajoelhada ao túmulo chorando, além de Machado de Assis menino, com 12 anos, segurando o guarda-chuva. Vemos o autor no primeiro plano. Fato que nos demais quadrinhos em que foi destacada a morte, ele aparecia apoiado pelo pai e pela mãe.

No Q8, temos fortemente apresentada uma ideia de movimento dos personagens. As figuras parecem deslocar-se do espaço onde andam, colocando Machado de Assis vendedor de doces no plano superior, e as demais pessoas ofuscadas para conferir destaque ao jovem. Contrapondo-se ao Q8, temos o Q9, que mostra a figura centralizada de Machado de Assis, estudando, em estado de repouso. No plano ao fundo, as estantes com livros e as luzes. Nos próximos três quadrinhos, apresentam-se os feitos do personagem no que tange à área da literatura.

No quadrinho 13 (Q13), vemos Machado de Assis na posição de destaque com mais algumas figuras. No Q14, igualmente remete ao Q9: Machado de Assis ao centro estudando, escrevendo... Novamente, a cena, com os livros, a escrivania, as luzes, assinala um procedimento de figurativização, ou seja, “figuras do conteúdo recobrem os percursos temáticos abstratos e atribuem-lhes traços de revestimento sensorial” (BARROS, 2011, p.72).

O mesmo cenário do Q6 é retomado. Desta vez para mostrar o casamento de Machado de Assis com Carolina. Vemos, aqui, sim, a noiva de branco, ele de terno mostrando a importância da solenidade/cerimônia.

Podemos notar o uso de cores fortes destacando os personagens nos Q17 e Q18. Há uma distribuição das cores nessas figuras, com roupas bastante coloridas. Além disso, as texturas que os recursos gráficos constroem no quadrinho 18 buscam reproduzir detalhes presentes na vestimenta dos personagens (bermudas, lenço ou manta no pescoço). Estão aí para simular e aproximar o leitor do universo do qual ele faz parte, ou seja, esse grupo constrói uma imagem, um simulacro¹⁰, na tentativa de aproximação do sujeito da enunciação, para criar um efeito de sentido de verdade/realidade. As roupas, cabelos e objetos presentes na cena, estão ali para figurativizar um encontro de estudantes atentos à leitura do livro. O recurso gráfico utilizado nessa figurativização composto pelo formante eidético intensifica essa diferença, confirmada pelos traços e contornos os quais pressupõem uma gestualidade poderosa.

Nos próximos quatro quadrinhos, os alunos (enunciadores) começam a preparar o leitor para o momento de clímax, mostram o quão sucedido foi Machado de Assis na literatura brasileira. Isso é figurativizado pelas pessoas juntas lendo as obras dele. Os gestos, os olhares focados em uma mesma direção, ponto de interesse da cena. Marroni (2018, p.37), ao tratar sobre o jogo do olhar, afirma que “a direção do olhar que [as pessoas] apresentam no espaço construído (...) constitui um poderoso artifício que leva o observador ao centro da composição em que se encontra (...) Do mesmo modo, a autora, acredita que o olhar das figuras direciona o olhar do observador para o ponto central, ponto de interesse da cena (...)”.

No 19º quadrinho, vemos concretizado o sucesso do autor realista. Aqui, ele aparece já com idade à frente do prédio da Academia Brasileira de Letras da qual foi fundador e primeiro presidente. Mais uma vez vemos homens com terno e gravata e mulheres discretamente vestidas. No plano superior, Machado e seus amigos fundadores. Em um plano mais abaixo,

¹⁰ Nesta acepção, o termo simulacro serve “para designar o tipo de figuras, com o componente modal e temático, por meio das quais os actantes da enunciação se deixam mutuamente apreender, uma vez projetados no quadro do discurso enunciado” (GREIMAS e COURTÉS, 1986, p.206)

mas não menos importante, vemos ao centro sua esposa Carolina em destaque às demais pessoas dispostas.

Detalhe importante destacado na figura do autor são os monóculos (apenas uma lente oftálmica) de Machado de Assis que aparecem nesse quadrinho e que tão bem conhecemos em fotos divulgadas.

Analisando os formantes eidéticos os dividimos em pelo menos duas zonas. Quando nos referimos aos formantes eidéticos, aludimos à forma, ou seja, de como essa forma se concretiza no texto e que qualidades provêm desse texto, tal como a verticalidade nas construções e as formas curvas nos arcos das cenas do casamento.

Nos próximos dois quadrinhos, retorna o cenário do cemitério. Desta vez, não temos o céu negro, nem a chuva. Apesar da tristeza da morte da esposa de nosso escritor, o céu está limpo, e Machado de Assis, ao centro, do cenário, com o guarda-chuva fechado, contempla o túmulo da amada.

No penúltimo quadrinho aparecem os túmulos, e o balão que indica a fala do narrador nos informa a morte do nosso grande escritor. Apesar da tristeza da morte, a “tela” nos é apresentada com um lindo céu azul e um lindo sol, o que ameniza a tristeza do momento.

No último quadrinho, temos um elemento surpresa, a grata satisfação de ver que o narrador da história, nada mais é que Rui Barbosa, grande personalidade da literatura e de outras áreas, que, com a morte de Machado de Assis, assumiu a Academia Brasileira de Letras em 1908. Vemos em posição de destaque Rui Barbosa com a figura do anjo ao fundo. Os tons utilizados são também claros, com a presença do branco iluminando o anjo. Em posição inferior, a figura das pessoas, escutando sua fala. Temos aí formas retas e curvas nos mausoléus, nas hastes das grades, nas vidraças da capela. O efeito de sentido de proximidade e distância é dado pela perspectiva de Rui Barbosa mais próximo de nós.

Destacamos, então, nesta breve análise, além dos formantes eidéticos, os cromáticos que se relacionam ao estudo dos efeitos

“colorísticos”, procurando destacar suas atuações expressivas, bem como os topológicos cuja função é destacar os lugares e suas ocorrências no texto.

Avaliação da proposta: algumas considerações

Embora nosso foco, neste artigo, não seja avaliar especificamente a questão da leitura e da escrita, contestamos a tese de que nosso aluno não gosta (ou não se sente motivado) das/pelas atividades de ler e escrever propostas pela escola. Acreditamos, com base nos trabalhos analisados, que os alunos anseiam por outras estratégias de aprendizagem, ou seja, requerem do educador outras propostas para realizar a atividade educativa.

Entendemos, pelas produções, que história em quadrinhos se constitui um valioso instrumento para os alunos, no sentido da conexão da expressão com o conteúdo. Para Vergueiro (2010), além de poder ser utilizada em qualquer nível escolar, a HQ contribui para nosso aluno ampliar a compreensão de conceitos e enriquecer o vocabulário, obrigando o leitor a refletir sobre o que lê. Assim, o educador precisa aproveitar esse gênero textual para fazer com que o aluno perceba que as imagens, os aspectos visuais mais os elementos verbais formam uma unidade de sentido e possibilitam, com interdependência, as apreensões de sentido.

Neste estudo, então, procuramos explorar uma leitura semiótica de textos sincréticos, tendo como objeto de análise duas histórias em quadrinhos a partir dos elementos teóricos da Semiótica Discursiva. Nessa análise, apresentamos uma pequena “amostra” do que pode ser explorado com a teoria semiótica de linha francesa.

A partir das análises efetivadas sobre o conteúdo temático das HQ por meio das figuras encontradas no texto, pensa-se em um direcionamento à prática pedagógica e o trabalho com o objeto analisado em sala de aula, com a importante tarefa de uma leitura interligada à

conexão do plano de expressão com o plano de conteúdo, ou seja, a relação das figuras que levam ao tema cujos aspectos apontam para uma unidade de sentido, em correspondência com os elementos visuais presentes nas imagens.

Acreditamos, ainda, que com o trabalho, envolvendo a produção de HQ, confirmamos a hipótese de que esse gênero é uma excelente estratégia de incentivo à leitura, além de um recurso importante no ensino, contribuindo para ampliar a formação e a competência leitora de nossos alunos, tornando-se, como bem afirma nosso poeta Drummond, “uma fonte inesgotável de prazer”.

Vemos, assim, os quadrinhos como um poderoso aliado; possuem um potencial comunicativo muito grande e, por se constituírem um dos primeiros contatos com a leitura, sejam em tiras ou mesmo revistas, como lembra Eisner (1999), eles permeiam a juventude de muitos, e acreditamos ser uma maneira de cativar nossos alunos de forma a seduzi-los a “navegar” pelo mundo da leitura, levando-os a um querer-fazer, procurando estabelecer, com essa proposta, um contrato fiduciário, de crença na nossa proposta.

Não temos a pretensão de apresentar quaisquer fechamentos, nem de “ser um receituário para o sucesso do ensino [da leitura e da escrita]” (FERREIRA, 2012, p.9). Nosso objetivo foi fazer algumas considerações a título de reflexões no fazer educativo/pedagógico, ou seja, “contribuir com o cotidiano do trabalho do professor” (ibidem). Para isso, como apresentado na epígrafe deste trabalho, puxar uma palavra, a partir de então, formar uma ideia que contribua para uma transformação do fazer, na tentativa de trabalhar o que é instigante para nossos educandos. Nessa perspectiva, pensa-se, também, a semiótica como uma aliada do professor no sentido de utilizá-la para diagnosticar essas dificuldades de leitura e escrita do aluno e propor novas abordagens que produzam sentido no processo ensino-aprendizagem. Afinal, quem chega, chega para aprender.

Referências

- ANTUNES, I. *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ASSIS, Machado de. Primas de Sapucaia! *Volume de contos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884. Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000203.pdf>. Acesso em: abril de 2017.
- BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2011
- CRUZ, D. P. *A História dos Quadrinhos no Brasil*- Parte 1. Disponível em: http://hqmaniacs.uol.com.br/principal.asp?acao=materias&cod_materia=553. Acesso em: abril de 2017.
- _____. *A História dos Quadrinhos no Brasil*- Parte 2. Disponível em: http://hqmaniacs.uol.com.br/principal.asp?acao=materias&cod_materia=558. Acesso em: abril de 2017.
- _____. *A História dos Quadrinhos no Brasil*- Parte 3. Disponível em: http://hqmaniacs.uol.com.br/principal.asp?acao=materias&cod_materia=562. Acesso em: abril de 2017.
- DISCINI, N. *A Comunicação nos Textos*. São Paulo: Contexto, 2012.
- EISNER, W. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- _____. *Narrativas gráficas: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos*. São Paulo: Devir, 2008.
- FERREIRA, S. (org). *O ensino das artes – Construindo Caminhos*. 10.ed. Campinas: Papyrus Editora. 2012.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2013.
- _____. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- FLOCH, J. M. *Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique*. Paris: Hadès; Amsterdam: Benjamins, 1985.
- _____. J.-M. *Identités visuelles*. Paris: PUF, 2010
- GREIMAS, A. J. Semiótica figurativa e semiótica plástica. In: *Significação, Revista Brasileira de Semiótica*, n. 4, junho, 1984.
- GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. *Sémiotique. Dictionnaire Raisoné de la Théorie du Langage*. Paris: Hachette, 1986. Tome 2.
- GREIMAS, A. J; COURTÈS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2016.
- LUYTEN, S. M. B. In: *Quadrinhos em sala de aula*. Salto para o futuro. Boletim 01; ano XXI, 2011. p.21 e 22.

- MANCINI, R.; ALT, J. Quadrinhos: do papel à internet. In: TEIXEIRA, L.; CARMO JR., J. R. do (Org.). *Linguagens na cibercultura*. São Paulo: Estação das Letras e Cores. 2013.
- MARRONI, F. V. Um estudo a partir da semiótica visual da pintura A Primeira Missa no Brasil, de Victor Meirelles. *Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 29-41, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.81013>.
- MARRONI, F. V. O fazer persuasivo em mídias digitais: um estudo de caso. In: OLIVEIRA, A. C. de. *As interações sensíveis: ensaios de sociosemiótica a partir da obra de Eric Landowski*. São Paulo: Estação das Letras e Cores/Editora do CPS, 2013. p.343-350.
- McCLOUD, S. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: Mbooks, 2005.
- MELO, R. M. B. A construção da História em Quadrinhos: seu uso cultural na mídia impressa. In: *V Encontro de Pesquisas em Educação em Alagoas*, 2010, Maceió: UFAL.
- OLIVEIRA, A. C. de; TEIXEIRA, L. *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.
- OSTROWER, F. *Universos da Arte*. 4.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1987.
- PIETROFORTE, A. V. S. *Análise textual da história em quadrinhos: uma abordagem semiótica da obra de Luiz Gê*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.
- PIZARRO, M. V.; JUNIOR, J. L. *A História em Quadrinhos como recurso didático no ensino de indicadores da alfabetização científica nas séries iniciais*. In: VII Enpec - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2009, Florianópolis – UFSC.
- ROJO, R.; MOURA, E. (orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ROJO, R. (org). *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- SETUBAL, F. M. R.; REBOUÇAS, M. L. M. *Educação para o consumo, na linguagem dos quadrinhos: uma análise crítica da revista Turma da Mônica Jovem*. PPGCom ESPM // São Paulo // Comunicon 2014. Disponível em: http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gttres/GT03_SETUBAL.pdf. Acesso em: jun. 2017
- SETUBAL, F. M. R.; REBOUÇAS, M. L. M. *Educação para o consumo, na linguagem dos quadrinhos: uma análise crítica da revista Turma da Mônica Jovem*. In: OLIVEIRA, A. C. de (org.). *Do inteligível ao sensível: duas décadas*

de construção de sentido. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014, v.1, p.459-478.

SOUSA, L. B. de; HÜBNER, L. C. Diferentes visões e componentes da compreensão leitora. In: GABRIEL, R.; PELOSI A. C. (org.) *Linguagem e cognição: emergência e produção de sentidos*. Florianópolis: Insular, 2016.

TEIXEIRA, L. Pesquisa Linguística: modos de usar e de fazer. *Raído*, Dourados, MS, v.4, n.8, p.75-83, jul/dez 2010. Disponível em: ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/download/1378/790. Acesso em: maio 2017.

TEIXEIRA, L. Para uma metodologia de análise de textos verbo-visuais. In: OLIVEIRA, A. C. de.; TEIXEIRA, L. (org.). *Linguagens na Comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

TUSSI, G. B.; MARTINS, R. E. M. W. *A História em Quadrinhos como prática pedagógica no ensino de Geografia*. In: 12º Encontro de Geógrafos da América Latina, 2009, Montevidéu, Uruguai.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: RAMA, A. et al. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. O uso das HQs no ensino. In: RAMA, A. et al. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010.